



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma “antropografia” (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

Contando outras histórias: experiências que inscrevem poesias e produções negras nas batalhas poéticas de slam

Autoria: Maria Aline Sabino do Nascimento (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Este artigo é fruto da minha pesquisa de mestrado, a qual se trata de uma experiência etnográfica relacionada às batalhas poéticas denominadas slam. A etnografia foi feita, especificamente, com dois grupos que organizam essas batalhas, sendo eles Slam da Quentura, localizado em Sobral, Ceará, e Slam Laje, disputa poética realizada no Complexo do Alemão, Rio de Janeiro. Guiada por questionamentos como: por que no Brasil o slam configurou-se em um movimento de pessoas negras e periféricas? Por que essas pessoas escolheram a poesia como instrumento amplificador de suas vozes? O que esse movimento tem a ver com uma diáspora negra? Esta pesquisa busca compreender como as poesias faladas, movidas dentro e a partir da realidade vivida, são inscritas por experiências e memórias corporais e ancestrais geradas desde os porões dos navios negreiros. A gramática do racismo, inscrita nos corpos e no cotidiano dos/das poetas, conduz minha análise e evidencia poesias que são constituídos pelos atravessamentos de marcadores sociais, como racismo, classe e gênero. Neste artigo, as poesias são lidas como geradoras de conhecimento e



confeccionadoras de imagens do mundo, recebendo o status epistêmico que possuem dentro do campo e, também, por mim enquanto pesquisadora, poeta e ex organizadora de eventos das batalhas poéticas. Foi considerando minha trajetória de imersão dentro do slam, ora como organizadora e ora como poeta, e acionando, sobretudo, minhas memórias e experiências marcadas social, racial e geopoliticamente, que apresento ao leitor uma etnografia itinerante entre Ceará e Rio de Janeiro, unindo experiências etnográficas transeuntes ? assim como também o são as poesias do slam. São as poesias, e não a dinâmica dos núcleos que as organizam, que se mostram centrais na construção da minha reflexão antropológica. Como transitantes, uma mesma poesia navega por diversos slams de uma mesma cidade e, até mesmo, de outros estados, demonstrando não somente o caráter de competição que possui as batalhas, com seus campeonatos estaduais, nacional e mundial, como também uma poesia que transita e encontra espaço em outros slams, pois existe nesse caminho uma realidade compartilhada inscrita em ?poesias-escriviventes?, no sentido dado por Conceição Evaristo (2016) ao seu conceito de escritivências. Confrontando o lugar estabelecido, colonialmente, de um saber branco, e que foge de memórias corporais, os escritos desses e dessas jovens unem ?saber? e ?ser? como formas cruzadas, e também legítimas, de saberes e criações de mundos que extrapolam a lógica colonial de escrita e conhecimento.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: